

CONCEPÇÃO DE 'CAMPO' DOS ESTUDANTES DO NÚCLEO DO CAMPO LEONIZA CARVALHO AGOSTINI¹

CONCEPTION ' COUNTRYSIDE ' STUDENTS THE NÚCLEO DO CAMPO LEONIZA CARVALHO AGOSTINI

*Felini de Souza**

RESUMO

A ideia que o senso comum faz do campo está presente nas mídias, influenciando a opinião das pessoas quanto à concepção de campo. Mesmo assim, há inúmeras concepções atribuídas ao campo e à cidade. Mas, afinal, o que determina o que é campo e o que é cidade? Será que o que atribuímos ao campo, de fato representa a população campesina? Essas questões nos fazem pensar como é construída a concepção do ambiente em nosso entorno e a presente pesquisa busca compreender a concepção de campo que os estudantes do Núcleo do Campo Leoniza Carvalho Agostini, do município de Curitibanos (SC), têm com relação ao local onde vivem e a sua relação de identificação com o que é dito sobre o campo. A escola é uma instituição da sociedade que durante o processo de formação do educando apresenta e representa o mundo. Sendo assim, a escola tem um importante papel na transmissão e transformação da cultura, não sendo diferente no caso de uma escola do campo.

ABSTRACT

The picture that common sense builds of the countryside certainly influences people's conceptions on it. Even so, there are numerous concepts bound to the ideas of countryside and of the city. But, after all, what determines the ideas of countryside and of city? Does the picture we have on the countryside really correspond to its population? These questions make us wonder about how are the conceptions we have on the world built in relation to what is around us. This article intends to clarify the understanding of "countryside" that the students of the Núcleo do Campo Leoniza Carvalho Agostini (Leoniza Carvalho Agostini Countryside Education Center), in Curitibanos (SC), have and how they fit with the discourse of the common sense. The school is an institution that presents and represents the world to the student. That being said, the school has an important role on the transmission and shaping of culture, and that is not different in our case, that of a countryside school.

¹ Pesquisa realizada com o apoio do Observatório de Educação do Campo da UFSC.

*Graduada em Filosofia pela UFSC. Mestranda em Ética e Filosofia Política na UFSC. fenini_92@hotmail.com

Introdução

A presente pesquisa, desenvolvida no Observatório de Educação do Campo, núcleo de Florianópolis, da Universidade Federal de Santa Catarina; propõe compreender a concepção de “campo” que os alunos do Núcleo Leoniza Carvalho Agostini têm, e qual a sua relação de identidade com o meio em que vivem.

A ideia que o senso comum faz do campo está presente em obras literárias e nas mídias. Mesmo assim, há inúmeras concepções atribuídas a campo e cidade. Mas, afinal, o que determina o que é campo e o que é cidade? Qual o limite de um e onde inicia o outro? A presente pesquisa busca elencar diferentes ideias sobre a dicotomia campo e cidade. Levando em consideração a questão territorial, nos termos de uma divisão “campo” e “cidade”.

A escola com o papel de transmitir a cultura e transformá-la, também ganha espaço dentro da pesquisa. Pois, é, também, na escola que o mundo nos é apresentado. E a pergunta que este trabalho tende a fazer é: Como a escola tem apresentado o mundo à essas crianças? Essas, entre outras questões serão trabalhadas e refletidas na presente pesquisa.

Fundamentação Teórica

Embora tradicionalmente “campo” e “cidade” sejam considerados dois polos, ou seja, conceitos opostos, para algumas pessoas essa dicotomização não existe, sendo, neste caso, os termos considerados apenas como um recurso metodológico, definindo a área rural ou urbana pelo número de habitantes da região, por exemplo. Há, ainda, aqueles que consideram ser uma forma de organização social e os que creem que o “campo” já se perfez, por ter sofrido diversas influências do meio urbano.

Apesar de elencarmos aqui algumas das visões acerca do que é considerado campo e cidade, não negamos que há diferenças entre eles, o que queremos, na verdade, é tratar de que maneira são colocados esses dois polos, assumindo a não igualdade entre eles, e os tratando na equanimidade, quer dizer: sem considerar um superior ao outro. O debate que envolve tais relações, não necessariamente se dá em termos hierárquicos, mas diz respeito às especificidades entre esses universos.

Área rural e área urbana são definidas por meio de normas oficiais do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Na obra *Cidades Imaginárias*, de José Eli da Veiga (2003), ele explicita a situação da consideração da área urbana sem levar em consideração a questão cultural, utilizando critérios da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico. Localidades urbanas são aquelas que têm uma densidade populacional maior que 150 habitantes por quilômetro quadrado. O autor aponta uma ligação de dados simples entre população e área dos municípios para uma mudança substancial no panorama brasileiro.

[...] a grande maioria dos municípios brasileiros têm essas características. Basta dizer que 70% deles as densidades demográficas são inferiores a 40 hab/km², enquanto o parâmetro da OCDE – Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico – para que uma localidade seja considerada urbana é de 150 hab./km². Por esse critério, apenas 411 dos 5.507 municípios brasileiros existentes em 2000 seriam considerados urbanos (VEIGA, 2003, p. 65).

Veiga considera, em *Cidades Imaginárias*, que a metodologia criada pelo Estado Novo sobre as regras de divisão territorial, considerando toda sede municipal como urbanizada, não levando em conta o contexto cultural e espacial, seria “anacrônica e obsoleta”. Segundo Veiga, a área rural seria inclusive maior que a área urbana no Brasil e o que nós temos são cidades imaginárias.

Por meio desta reflexão proposta por Veiga, podemos pensar sobre a questão espaço-cultural na influência da identidade do estudante do campo. É o território e o número de habitantes que impõem o que é do campo ou da cidade? Ou, a cultura?

Tem-se uma visão de que o campo presta serviço ao urbano, como um celeiro alimentar e de mão de obra. Basta observar que é da cidade que são tomadas as decisões com relação ao campo, ou seja, de fora da sua realidade.

Neste caso, podemos enfatizar que, assim como incoerentemente é propagada a ideia de inferioridade na relação campo-cidade, as escolas do campo também acabam sofrendo dessa visão dicotomizada, de modo que elas são consideradas inferiores às escolas das cidades, resultando em uma visão deturpada. Como se a escola da cidade apresentasse a “boa” cultura e só nela houvesse o “real” conhecimento.

As escolas do campo devem oferecer ao aluno um material adequado à sua realidade e à sua cultura. Não adianta tentar impor por meio dos livros didáticos um conteúdo ou uma forma de ensinar que esteja fora do contexto vivido pelos alunos do campo.

A própria denominação Escola do Campo ou Educação do Campo já designa uma educação em que os próprios camponeses propõem outra educação, com outra abordagem, voltada ao meio rural como um lugar de vida, respeitando a cultura e as tradições locais e trazendo uma nova abordagem e reflexão sobre o rural. A mudança da Educação do Campo requer uma estrutura curricular inspirada na vida e nos valores de sua população, sendo assim, o aprendizado seria um instrumento para o desenvolvimento da vida no campo, resgatando a cultura local e, desse modo, dando poder aos povos camponeses e valorizando suas memórias, suas experiências e o seu folclore.

A educação do campo não deve tentar evitar a migração para a cidade de forma a antagonizar campo e cidade, dando a impressão de que todos os males são provenientes das áreas urbanas e nas áreas rurais é onde se encontra a paz e a tranquilidade. Antagonizar a realidade entre campo e cidade na escola gera uma problemática diferenciando aquilo que está no plano das diferenças e atrapalhando a apreensão do real enquanto totalidade. O objetivo da Educação do Campo deve ser o de dar valor à educação por meio da experiência, na sua relação com os sujeitos sociais que a constituem e seus espaços de vida e de trabalho, na sua forma de organização e na sua capacidade de mudança.

O texto aqui apresentado propõe o debate entre estudantes do sexto ano do Ensino Fundamental (2014) a respeito da ideia de Campo e como eles se identificam nesse meio. Essa prática do diálogo pode ser vista em Habermas na sua Teoria da Razão Comunicativa, como é demonstrado na obra de Armino José Loghi. Loghi (2008), em *Ação educativa e agir comunicativo*, mostra que Habermas sugere que o indivíduo forma-se por meio do diálogo em grupo, pois vivemos em sociedade, o que acaba definindo nossa vida, portanto, nos definimos na relação com as outras pessoas. É por meio da comunicação que garantimos essa relação entre as pessoas. A forma de agir e pensar sobre o mundo se define como o mundo é apresentado ao indivíduo.

As ações do indivíduo a respeito do mundo dependem da forma como os demais comunicam o mundo para o indivíduo, e de como ele transmite, por meio da linguagem, sua visão sobre o mundo à sociedade. Dessa forma, podemos gerar novas concepções de *Campo e Cidade* e entender de onde vem essa concepção aceita no presente momento. Ouvir os sujeitos do campo é fundamental para entender-se a realidade deles, bem como aprender com suas

vivências e experiências, dando-lhes acesso à informação e às tecnologias, sem dar a impressão de que isso trata de algo superior à imagem que se tem do campo.

Loghi mostra que em Habermas, vemos o centro da racionalização é o potencial de racionalidade que contém na validade da fala. Sendo assim, é por meio da interação linguística que se constroem as concepções sobre as realidades e os objetos. Durante a comunicação, as pessoas transmitem algo de suas experiências, intenções, necessidades e receios. Habermas sugere um método ideal de comunicação, onde os indivíduos interagem e, por meio da linguagem, organizam-se socialmente, buscando o consenso com liberdade.

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho na ação-reflexão. Mas se dizer a palavra verdadeira, que é o trabalho, que é a práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens (FREIRE *apud* OLIVEIRA, 2011, p. 77).

Os indivíduos que vivem no campo devem ser encorajados a utilizar do poder da comunicação, e é preciso dar a visibilidade para o que eles têm a dizer. Muitas vezes, o camponês não reconhece o que é dito sobre ele, de modo que é uma visão que vem de fora do campo. A educação tem que proporcionar uma alternativa às famílias camponesas, onde elas possam transmitir para fora do ambiente escolar e do campo sua palavra e cultura, assim como elas recebem a cultura urbana vinda dos meios de comunicação.

O sujeito do campo não deve ficar posicionado como “coisa”, recebendo conteúdos que vêm de fora da realidade que ele vive, “engolindo” o que considera culturalmente superior, não pensando por si, mas pelo o que os outros pensam. O educador deve comunicar e não “domesticar” o indivíduo do campo. Deve haver um aprendizado mútuo, em que o educador também aprende, pois aquele que está aprendendo também sabe algo, e ambos devem estar abertos para receber as informações e, a partir delas, construir suas opiniões e teorias, constituindo, desse modo, um sujeito crítico.

[...] quanto mais observamos as formas de comportar-se e de pensar de nossos camponeses mais parece que podemos concluir que, em certas áreas eles se encontram de tal forma próximos ao mundo natural, que sentem mais como parte dele do que como seus transformadores (FREIRE, 1983, p.32).

O homem não se constitui apenas de natureza. Sua cultura e sua história contribuem para a formação e o conhecimento de si mesmo. Quando a cultura urbana é inserida no mundo rural, ela é vista como se fosse superior, o que, desse modo, acaba manipulando e

conquistando a cultura invadida. A cultura invasora utiliza de meios de comunicação, rádio, televisão, *outdoors*, entre outras ferramentas para implementação dos seus valores (considerados superiores) e enfraquecimento dos valores locais (considerados, deste ponto de vista, inferiores).

A realidade dos camponeses não deve se modificar por uma domesticação ou invasão cultural de algo urbano, mas sim por meio do diálogo. Segundo Paulo Freire (1983, p. 43) “O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o ‘pronunciam’, isto é, o transformam, e transformando-o, o humanizam para a humanização de todos”.

Não se faz invasão cultural por meio do diálogo, é algo contraditório. O indivíduo do campo deve ter direito à voz para debater e opinar sobre sua realidade, sem ser manipulado por uma cultura invasora.

Definimos o que é “campo” por meio da linguagem. A linguagem traz diversas significações para as palavras, ela está presente em toda comunicação dos seres humanos e é por meio dela que chegamos ao entendimento. Nós temos a linguagem como única alternativa para a comunicação, seja na forma de fala, escrita ou símbolos, e sem a linguagem não temos acesso ao conhecimento e ao mundo. Deste modo, é na linguagem que se encontra a condição para viver em sociedade e dar significação às coisas.

Na formação do entendimento por meio da linguagem, há o encontro entre mais de um indivíduo realizando uma discussão e reflexão em grupo, é possível entender a origem do pensamento que foi formado com diversas influências das relações humanas. Cidade e campo são localidades distintas, que dependem uma da outra e que culturalmente têm tido diversas ligações. O modo de vida do campo tem sido modificado devido ao acesso aos meios de comunicação, que estimulam o consumo praticamente impondo necessidades ou modismos e maiores possibilidades de acesso à cidade.

Este estudo visa entender como os alunos do sexto ano do Ensino Fundamental (2014) do Núcleo de Educação do Campo Leoniza Carvalho Agostini se identificam, pois as transformações no seu modo de vida têm influenciado no processo de identidade sociocultural dos moradores do campo e no papel da escola nesse processo de transformação cultural e concepção de campo.

Vozes dos sujeitos – coleta de dados

Este estudo visa o entendimento a respeito da concepção de “campo” e a relação de identidade dos alunos do Núcleo do Campo Leoniza Carvalho Agostini de Curitiba com o meio onde vivem. Buscando esta compreensão, foi aplicado para a turma da 4ª série (2013) (5ª série - 6º ano: 2014) um instrumental com questões sobre a vida dos alunos e suas opiniões e preferências pessoais sobre assuntos diversos, como “o que gostam de comer?”, “o que gostam de ler?” e “onde gostam de passear?”.

O foco do instrumental era a visão dos estudantes do Núcleo do Campo sobre as localidades onde moram. Portanto, algumas questões iguais mostraram respostas diferentes devido às diferentes visões dos alunos.

Devemos levar em consideração a influência cultural que a globalização por meio das mídias faz. Durante a visita à escola do campo, é possível ver que por mais que cada aluno tenha seu hábito particular, quem sabe hábitos próprios da sua localidade ou família, mesmo assim eles sofrem influências das mídias no que diz respeito, muitas vezes, aos seus gostos. O celular já está presente na mão aluno do campo, assim como está presente na mão do aluno da cidade. Portanto, achar que o campo difere na cidade por conta de retardo tecnológico é um pré-conceito tomado pela falta da vivência no ambiente da escola do campo.

O questionário não exigia identificação, pois este não era o propósito da pesquisa. Como primeira questão, foi requisitado que os alunos assinalassem sua idade, para que fosse tirada uma média de idade da turma. Como ilustra o Gráfico 1, a questão de número um tinha como alternativas: oito anos, nove anos, dez anos, onze anos e mais de onze anos.

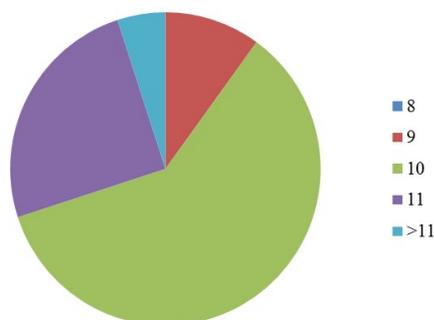


Gráfico 1: Idade

Fonte: Elaborado pela autora.

No Gráfico 1 é possível visualizar que a maioria dos alunos pesquisados da 4ª série – 5º ano (2013) tem dez anos de idade e nenhum aluno tem menos de nove anos de idade.

A segunda pergunta do instrumental era: “Você mora no Campo?”, apresentando apenas as alternativas “Sim” e “Não”. As localidades atendidas pela escola são consideradas do campo, assim como o Núcleo Municipal Leoniza Carvalho Agostini é uma escola do campo. A questão vem tratar, principalmente, da identidade dos alunos. O que gostaríamos de depreender, frente a essa questão, era: “será que esses alunos se sentem do ‘campo’?”. Veja que, levando em consideração o que o senso comum (aquela visão de um local do “atraso” e do “sossego”, como retratado em obras literárias e cinematográficas) pensa sobre o campo, os alunos, uma vez com esse olhar estereotipado, poderiam, então, não se considerarem como moradores do campo. Entretanto, os alunos que, ao assinalarem a questão, confirmaram morar no campo podem, da mesma forma, pensar que a ideia sobre o que é o campo, no olhar do senso comum, não os representa. Sendo assim, eles acabam por se considerarem do campo, segundo o conceito que eles próprios fazem do local onde vivem.

No Gráfico 2, é visível perceber que a maioria dos alunos assinalou “sim”, confirmando que moram no campo. Poucos alunos assinalaram que não moram no campo.

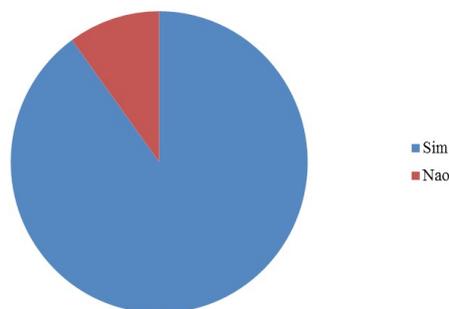


Gráfico 2: Mora no Campo

Fonte: Elaborado pela autora

A terceira questão trata de identificar em quais as localidades que os alunos que responderam ao instrumental moram. Os alunos responderam a pergunta “Qual o nome da localidade em que você mora?”. Tivemos as seguintes respostas: Cartão Sbravati (quatro alunos), Marombas (cinco alunos), Tabuleiro (um aluno), Fazenda Butiá (um aluno), Rio Correntes (dois alunos), Cadoriti (um aluno), Reassentamento Santo Expedito (um aluno), Guarda-Mor (quatro alunos) e Reassentamento Novo Amanhecer (um aluno). Com as

respostas desta questão podemos averiguar que os alunos que compõe a 4ª série – quinto ano (2013) e 5ª série – sexto ano (2014) são de diferentes localidades da região.

A quarta pergunta do questionário, dizia respeito àquilo que os alunos consideram como “campo”. As alternativas para essa questão eram as seguintes: Um lugar distante; um lugar bom para morar; um lugar ruim para morar; um lugar antigo/atrasado; um lugar quente; um lugar frio e a alternativa “outros” em que os alunos apresentariam demais concepções pessoais a respeito do campo.

Conforme explicitado no Gráfico 3, todos os alunos apresentam o campo como um lugar bom de morar, e nenhum considera o campo um lugar do atraso, como o senso comum prega. As oscilações de temperatura entre verão e inverno são apresentadas também nas respostas dos alunos com respeito ao que eles pensam sobre o campo.

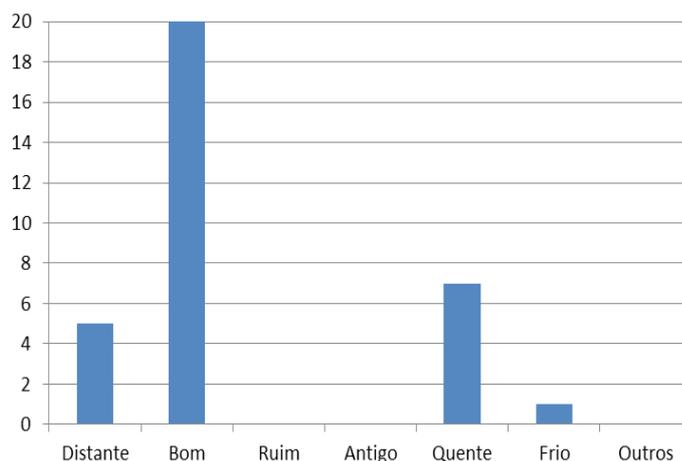


Gráfico 3: Avaliação do campo

Fonte: Elaborado pela autora

Os poucos alunos que assinalaram a alternativa “outros” apresentaram como características do lugar onde vivem, atributos como: ser um lugar calmo, silencioso, um lugar onde tem várias árvores e animais, um lugar bonito e um lugar onde eles gostam de viver.

A quinta pergunta do instrumental buscava saber a quais meios de informação os alunos têm acesso: se utilizam mídias ou se são informados de determinadas notícias pela escola, parentes ou amigos. Essa questão continha as seguintes alternativas: na escola; pelos parentes e/ou amigos; pela televisão; pela internet; pelo rádio; pelas revistas; pelos jornais impressos; e pelas redes sociais, como o *Facebook*, *Orkut*, *Twitter*, entre outras.

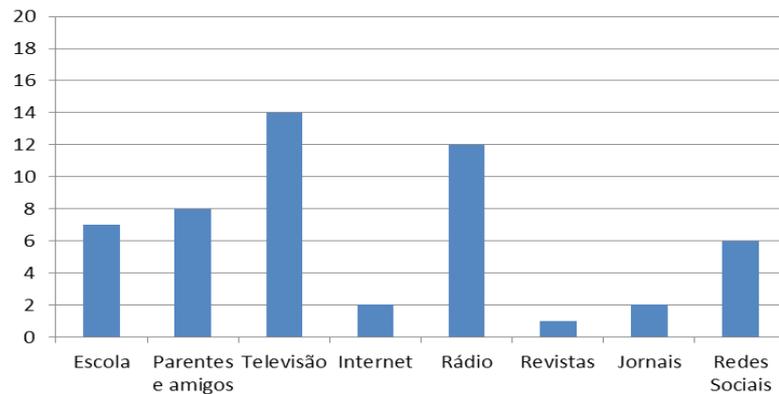


Gráfico 4: Fonte de informação

Fonte: Elaborado pela autora

Segundo o Gráfico 4, é nítido perceber que a televisão é o principal meio de informação para a maioria dos alunos pesquisados. Podemos, também, visualizar no gráfico que o rádio ainda tem grande influência para a população do campo. E as redes sociais, assim como nos grandes centros urbanos, já começam a fazer parte da vida das crianças do campo. A escola é, consideravelmente, um meio de informação e de encontro das localidades. Os parentes e amigos, por sua vez, também têm um número expressivo nos gráficos. O meio menos utilizado pelos alunos do campo como fonte de informação de notícias são as revistas.

A sexta questão trata dos hábitos do trabalho no campo e sentimos que esse questionamento seria de suma importância, porque o trabalho infantil ainda está muito presente no cotidiano de muitas famílias das crianças pesquisadas. Em relação a esse assunto, questionamos os alunos se eles ajudam a família, se eles gostam de ajudar ou gostariam de ajudar.



Gráfico 5: Ajuda a família no trabalho do camponeses

Fonte: Elaborado pela autora

Neste caso, segundo o Gráfico 5, grande parte dos alunos ajuda a família no trabalho do campo e gosta de ajudar. Nenhum aluno respondeu que ajuda a família, porém não gosta.

Alguns que não ajudam a família demonstraram interesse em ajudar e, dentre os que não ajudam, uma minoria assinalou que não gostaria de ajudar.

Para finalizar as questões quantitativas do questionário, foi questionado às crianças se elas gostariam de morar em outro lugar. Se a resposta fosse afirmativa: onde morariam e por quê?

Nessa questão, dos vinte alunos que responderam o instrumental, apenas um alegou que gostaria de morar em outro lugar. Portanto, assim como é demonstrado no Gráfico 6, uma quantidade bem expressiva não sairia da localidade campesina onde vive.

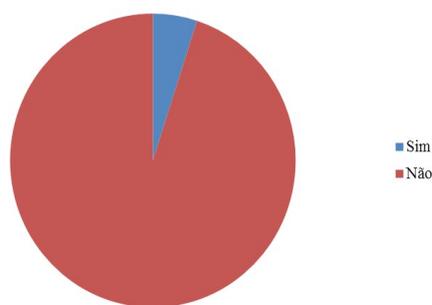


Gráfico 6: Mudaria do local onde vivenciadas

Fonte: Elaborado pela autora

A resposta do único aluno que expressou ter o anseio de morar em outro lugar se justifica pelo fato de ele querer voltar para cidade. Outros alunos que assinalaram que não sairiam do campo complementaram sua resposta, frisando o quanto gostam do local onde vivem e o quanto é bom morar no campo.

Na oitava questão, os alunos tinham que responder o que eles mais gostam no lugar onde vivem. Com respostas bastante variadas encontramos coisas próprias de um lugar tranquilo e também um lugar com a natureza próxima das crianças. Entre os vinte alunos que responderam o instrumental, foi possível encontrar respostas como: “gosto da casa dos vizinhos”; “gosto da minha oficina e da minha borracharia”, demonstrando a confiança nos demais ao redor e a vivência dos filhos no dia-a-dia dos pais, presentes no trabalho, seja visitando ou colaborando no trabalho da família. Além disso, surgiram respostas como: “do campo de jogar bola”; “das árvores, dos campos e tudo mais”; “da natureza”; “dos animais e dos rios”; “do espaço que tem para as brincadeiras”; “da amizade e da paisagem”; “da

proximidade com a família”; “de não ter barulho de carro”; “dos campos verdes para brincar e do som dos passarinhos” e, “de ter onde pescar”. Ao ler as respostas acima, é possível notar e analisar como está ainda presente entre os alunos a visão romântica do campo. A ideia da proximidade com a natureza, a brincadeira nos campos verdes ao som dos pássaros, um lugar onde é possível ter mais proximidade com as amigas, os rios, a pesca e o espaço para as brincadeiras na rua. Podemos facilmente perceber que o romantismo rural esteve presente nas respostas dos alunos como um resgate do que até o “urbano” já viveu na própria infância, com algumas diferenças. O que nos leva a pensar que todas as respostas possam ser características infantis da visão de onde vivem e não algo só associado ao campo, coisas como o romantismo da infância de que o tempo demora a passar e é possível ver seus amigos e dar atenção aos seus animais todos os dias.

A nona questão se refere a o que os alunos gostam de comer. As respostas variam entre: “gosto de comer de tudo”; “feijão, ovos e doces”; “arroz, feijão, frutas, legumes, saladas e carne”; “feijão, arroz e batatinha”; “revirado de carne e macarrão”; “revirado de carne moída”; “carne de porco, de vaca e de ovelha, entre outras e frutas, como morango e laranja”; “arroz, feijão, batatinha, salada, chocolate, carne, bolo e pastel”; “lasanhas e pizza”; “cachorro quente”; “pastel com queijo”; “bolo” e, “arroz, feijão, carne, carne de gado e língua de boi”. Podemos, nessa questão, perceber que as respostas sobre o que eles gostam de comer são, em sua maioria, voltadas às refeições como “almoço e janta”, poucos se referem aos doces e outras “guloseimas”, como balas, pirulitos ou bolachas recheadas” e também não trataram nenhum alimento se referindo a uma marca específica.

Na pergunta de número dez do instrumental aplicado aos alunos do campo, foi indagado sobre o que eles gostam de ler. Nessa questão encontramos respostas como: “gibis”; “livros de fabulas”; “revista e jornal”; “livros e revistas”; “histórias de bang-bang”; “histórias encantadas”; “livro de terror e livro da *barbie*”; “texto de animais”; “livros, revistas, receitas”; “livrinhos”; “livros de natureza”; “livros sobre a natureza e de terror”; “histórias de ação e terror”; “livro e jornal” e “livros de histórias do campo”. Percebe-se uma grande variedade de tipos de literatura presente no gosto dos alunos do campo. Alternando, portanto, entre livros sobre a natureza, animais e o campo, até livros de terror e histórias de *bang-bang*.

Na décima primeira questão, foi perguntado aos alunos sobre o que eles gostam de brincar. Entre as respostas, estavam: “andar de bicicleta, brincar com meus carrinhos”;

“brincar de futebol”; “jogar bola e assistir televisão”; “brincar com os animais”; “jogar futebol e vôlei”; “brincar com a terra e brincar de casinha”; “esconde-esconde e bicho”; “de tudo”; “empinar pipa”; “pega-pega, esconde-esconde e gosto de brincar com meus animais”; “pique-esconde, pega-pega e futebol”; “gato cego” e “jogar vídeo game”.

Percebe-se, entre a maioria das respostas, uma proximidade nas brincadeiras. Brincadeiras que utilizam daquele mesmo espaço que eles elogiaram por ser um espaço grande para brincar. A maioria das brincadeiras citadas é simples e não precisa de muitos recursos para se realizar. Entre as brincadeiras também se percebe que há com frequência a companhia dos amigos, são brincadeiras coletivas e não individuais. Houve apenas uma resposta em que surgiu uma brincadeira considerada típica das regiões urbanas, o jogo de *vídeo game*. Essa mesma criança que respondeu gostar de jogar *vídeo game* respondeu, na questão 7, que gostaria de voltar para a cidade.

A décima segunda questão, a última pergunta do questionário, está relacionada ao local onde os alunos gostam de passear. Entre as respostas, surgiram: “gosto de ir ao meu primo”; “no mato para ver o canto do passarinho”; “na cachoeira”; “nos campos ou nas florestas”; “na minha vó”; “nos vizinhos, nos avós e nos parentes”; “gosto de passear em campos e nas fazendas”; “no parque”; “lá no campo da escola”; “nas fazendas que têm bastante animais”; “na cidade e na casa dos meus parentes”; “no campo e estudar também”; “na cidade”; “na casa da minha mãe” e “para a outra casa onde eu moro e nos meus tios”.

Nota-se, pelas respostas, uma proximidade com coisas já citadas no questionário referente à natureza e aos animais. Assim como o romantismo de “no mato para ver o canto do passarinho”. Esses dados comprovam a importância que tem o meio para os alunos. Neste caso, é preciso que o ensino da escola utilize desta realidade para explicar seus conteúdos, pois no dia-a-dia das crianças encontram-se várias formas de aprendizado, levando em conta a experiência que eles têm com a natureza ao redor.

A proximidade com os vizinhos e parentes foi presente nas respostas desta questão, assim como foi presente nas demais respostas. E a cidade é tida como um lugar onde algumas destas crianças gostam de passear.

Ainda com o intuito de buscar compreender a concepção de campo que os alunos do Núcleo do Campo Leoniza Carvalho Agostini têm, foi aplicado mais um instrumental em que os alunos escreveram uma carta ou um poema contando como é o lugar onde vivem e do que

sentiriam falta. Para sensibilizá-los, foi utilizada a *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias, que retrata a nostalgia da terra natal que parece distante no “presente” retratado pelo autor. O interesse nesta produção dos alunos é notar o que eles percebem do entorno onde vivem e do que sentiriam falta se sássem de sua localidade.

Os alunos foram criativos na escrita dos textos e, dentre os textos, houve textos de alunos que basearam-se na escrita da *Canção do Exílio*, não se dando conta do que realmente havia em seu entorno: “Na minha terra tem palmeiras onde canta o canarinho, lá eles fazem seus ninhos e botam seus ovinhos. Na minha terra tem animais, tem vacas, tem ovelhas”. Outros buscaram seguir a estrutura do poema:

O lugar onde vivo é bonito, é bem incrível, ouço os pássaros cantar, sinto o vento me tocar, no campo é onde quero morar, a noite é um silêncio. Dá pra descansar em paz. Onde eu moro é legal, posso correr, pular, brincar sem medo de se machucar, mas se me machucar, nem ligo. É tão bonito onde vivo. (Poema de aluno da quinta série – sexto ano, do Núcleo do Campo Leoniza Carvalho Agostini).

Nota-se que o canto dos pássaros, também citado na *Canção do Exílio*, esteve bem presente nos textos dos alunos: “O lugar, onde eu moro tem vários passarinhos, ficam cantando toda hora, até na hora do meio dia!”; “Eu sentiria saudade dos amigos, vizinhos, da minha casa, família e da escola, dos cantos dos passarinhos”; “O lugar onde eu vivo é legal com os sons dos passarinhos aqui, é bem calmo e tranquilo, e é bom de morar. Aqui não tem muito som de carro para atrapalhar quando está fazendo as tarefas”.

Houve textos em que os alunos descreveram seus gostos e desgostos quanto ao seu cotidiano: “Eu vivo numa fazenda cheia de plantações. A comida da escola é bem legal [...], eu gosto de escrever e eu não gosto de me acordar cedo para ir a escola, eu gosto do lugar onde eu vivo, é bem divertido.” Outros descreveram o que tem na localidade: “O lugar onde eu vivo é muito legal, ele tem campo tem ‘apinguela’ tem recanto, tem igreja e o lugar que eu gosto de ir é o recanto, lá você assa carne, você nada, você se diverte.” A sensibilidade dos alunos quanto ao local onde vivem foi bem expressada nos textos; “O lugar onde eu moro e vivo é muito legal, tem um pouco de silêncio, eu gosto muito de lá. A coisa que eu sinto mais falta é da minha casa, é lá onde me sinto muito bem, é lá que eu me sinto confortável, porque eu passo a maioria do tempo lá, e quando eu vou viajar eu sinto muita falta da minha casa, eu moro desde de pequeno lá e gosto muito.” Neste texto, o aluno já demonstra sentir falta do

lugar onde vive quando está longe da sua localidade, dizendo que reside em sua casa desde “pequeno” e que é lá que se sente bem.

As lembranças que nós temos da infância são lembranças um tanto romantizadas, e essa sensibilidade romântica foi vista nos textos escritos pelos alunos: “ O lugar onde eu vivo é muito bom e muito importante, porque eu tenho coelho, gato, cachorro e diversos animais que eu gosto [...] posso viver em comunhão com meus pais e minhas irmãs, que eu possa viver feliz, alegre e solidária”, este trecho do texto da aluna lembra um poema de Manoel de Barros do livro *Memórias Inventadas*: “De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão”(Manoel de Barros). No trecho a aluna demonstra uma união com sua realidade e sua família.

Outra temática presente nos textos escritos pelos alunos foi a comparação entre campo e cidade. Uns demonstraram preferir a cidade e outros apontaram defeitos das áreas urbanas: “Meus gostos é que moro perto da minha família, da escola. Convivo mais com meus primos (as), tios (as), colegas, amigos. Os desgostos são que aqui não tem farmácias e mercados, como na cidade, ai sem isso é mais difícil. Mas mesmo assim gosto onde vivo, porque é mais calmo e não tem tantos movimentos”; “Eu moro no sítio, tem campo e tudo mais lá. Onde eu moro tem um monte de coisa, tem cavalo, galinha, tem vaca e várias coisas. Eu sinto muita saudade da cidade e gostaria de morar lá porque tem várias coisas para fazer lá”, “eu iria sentir é falta de casa, porque lá só é alegria e na cidade só tristeza, muitas vezes dor de cabeça. Eu gosto de onde eu moro porque lá a gente sabe o que é amigo e o da cidade só sabe o inimigo”; “A vida no campo é legal, eu acho melhor morar no campo do que na cidade”; “Aqui onde moro não me preocupo com quase nada, só me preocupo com os roubos, mas aqui é calmo e não vejo muitos carros e nem escuto uma barulheira toda hora. Aqui eu posso ver bastantes pássaros e na cidade é muito pouco. Aqui é muito legal, posso criar meus galos, gatos e os cavalos sem falar na tropa de gado”; “[...] quando eu vou na casa de algum parente na cidade eu não gosto, porque eu me acordo com o barulho de carro, mas aqui não, é só com o barulho do galo e no sábado eu me acordo mais cedo para tirar leite”; “Eu vivo num lugar bom, é sossegado e não tem barulho e não tem movimentação e tem bastante árvores, flores, passarinhos e é calmo, dá pra sair sem medo. Já na cidade tem ladrão, porém eu sinto saudade da cidade, porque lá tem mercado, tem mais amigos, mas no campo é melhor e tem o barulho

dos passarinhos, da água da barragem, da pra ouvir os galos cantando e eu gosto do campo e eu moro aqui no campo com muito orgulho e sentiria saudade do sossego”, “O lugar onde eu moro é muito legal, mas muitas coisas que eu gosto não dá para fazer aqui, como ir ao cinema, ir na academia. Mesmo assim o campo tem coisas legais, como andar de bicicleta, de cavalo”.

As diferenças entre campo e cidade apontadas são, na grande maioria, relacionadas com o senso comum em que em um lugar urbano há mais facilidade de acesso ao comércio, por exemplo, como foram citadas as farmácias e mercados; o agito do dia-a-dia urbano retratado na palavra “movimento” utilizada pelos alunos, o barulho dos carros e a presença da criminalidade, também associada pelo senso comum aos meios urbanos, enquanto no campo há mais contato com a natureza. A relação dos alunos com o campo vai além da natureza, pois eles falam bastante da família e amigos no texto, dando ao campo, desse modo, um caráter de “lar”.

Nos textos os alunos retrataram, também, coisas que fazem no seu cotidiano, por exemplo: “E gosto de ajudar o pai nos trabalhos às vezes”; ou os seus gostos: “As comidas aqui são todas caseiras como pão, bolacha, macarrão, feijão, tomate, entre outros”.

Mesmo com todas estas características expostas pelos alunos no texto que demonstram, inclusive, o estereotipo que o senso comum cria do campo, houve alunos que expressaram as influências da tecnologia em sua vida: “O lugar onde eu vivo é mais ou menos, porque lá não dá para escutar música e nem fazer umas festas de família, mas agora eu vou ir morar no recanto Dona Euvira e lá vai dar para fazer muitas festas e muita música”, para ilustrar o texto, a aluna desenhou-a com uma camiseta escrito rock e um aparelho de som.

Para concluir a análise dos textos dos alunos coletados em prol da pesquisa, apresenta-se o poema *Sinto saudades* escrito por uma das alunas: “Sinto saudades... Onde moro tem passarinhos que vivem voando, e cantarolando de ninho em ninho. Nossa terra tem mais árvores, tem também mais animais, domesticados e selvagens. As crianças são mais livres e eu aqui nesse lugar que nem sequer o nome sei pronunciar, o meu lugar devo amar”.

A parte “o meu lugar devo amar” assemelha-se bastante a uma fala do filme *O Mágico de Oz* (1939), do diretor Victor Fleming. A fala é da personagem principal Dorothy, que por enfrentar problemas na sua vizinhança por conta de seu cachorro, Totó, deseja ir para um

outro lugar “além do arco-íris”. Porém, após um tornado, sua casa vai parar na terra de Oz e, durante a trama, Dorothy tenta encontrar o Mágico de Oz para encontrar uma solução que a leve de volta para sua casa. Tudo no filme, na verdade, não passa de um sonho. E Dorothy diz “não existe lugar melhor que o nosso lar”. Esta frase dita no filme parece com a frase escrita pela aluna no texto “o meu lugar devo amar”. Transmitindo uma valorização do lugar onde, por mais dificuldades que possa haver, o que muitos alunos apontaram nos seus textos, há também uma valorização pelo bem viver e é ali que os alunos demonstram estar bem.

O papel da escola na transmissão e transformação da cultura

Podemos entender identidade como aquilo que é idêntico ao indivíduo. Por exemplo, como quando as características que nós atribuímos ao campo conseguem representar os moradores daquele lugar. No caso desta pesquisa, buscamos compreender qual é a concepção que os alunos têm de “campo” e se eles identificam-se com tal concepção, considerando-se ou não do campo.

De modo geral, os alunos se identificam como alunos do campo no que diz respeito à coleta de dados e às características que eles atribuem ao campo e os seus gostos. Eles creem que o campo seja um local calmo, com proximidade com a natureza, com os animais, com “comida caseira”, e afirmam gostar disso e fazer “comunhão” com isso. Mesmo assim, seria arriscado fazer uma definição do que seria campo sem o perigo de cair no estereótipo do senso comum. O campo apresentado pelos alunos na produção textual e nas respostas dos questionários é bem aproximado da concepção romântica que é apresentada na literatura e nos filmes, sendo assim, próximo também ao senso comum. Esporadicamente, veem-se os alunos declarando na coleta de dados que o campo é um lugar “atrasado”, ou seja, eles têm como concepção de campo não aquilo que é estereotipado como o lado ruim do campo, mas aquela ideia romantizada de campo.

Nos textos coletados na pesquisa e nas respostas do instrumental é perceptível que os alunos se identificam com o que eles escrevem, sobre um campo bom de morar, por ser um lugar tranquilo, por estar próximo à natureza e ter espaço para brincar, mas temos consciência de que os meios de comunicação chegam nessas localidades e os alunos têm essa nova ferramenta de informação que há alguns anos não era acessível às pessoas que moram

naquelas mesmas localidades citadas anteriormente. Mesmo assim, a escola, os parentes e os amigos, além do rádio, ainda são as principais fontes de informação para as famílias das crianças que responderam o instrumental.

A escola, como portadora da informação para estas famílias, detém grande importância na transformação e transmissão cultural da região. A cultura pode ser entendida por meio da sua etimologia, como é feito no livro de Angelo Domingos Salvador, *Cultura e Educação Brasileiras* (1976, p. 10). O verbo “cólere”, do qual se deriva “cultura”, exprime a ideia de “amanhar, cuidar, revolver” a terra, fertilizando-a e semeando a boa semente para que produza mais e melhor”, levando em conta sua significação etimológica, podemos entender que cultura surgiu da intervenção do homem em seu meio, segundo suas necessidades de adaptação.

Vê-se, assim, que o homem é sujeito da cultura quando se comporta como agente ou criador do processo cultural. Compreendendo a natureza pelo conhecimento ou dominando-a pelo trabalho, o homem cria um sistema complexo de coisas, acontecimentos e condutas, constituído de conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes, capacidades e hábitos, através do qual forma um mundo próprio, [...] a ação do homem não se limita a interferir no mundo da natureza, interfere também no mundo da cultura que ele recebeu de seus antepassados, no sentido de dar-lhes formas novas segundo as novas necessidades e as próprias concepções de vida humana. (SALVADOR, 1976, p. 16).

E é nesse sentido que podemos compreender que, segundo as necessidades atuais, a cultura campesina pode sofrer alterações, como a cultura urbana que também vive em processo de transformação, para poder identificar os que vivem em seu meio em consequência das suas necessidades. Desde sua “criação” a cultura passa a envolver o ser humano.

Na pesquisa que originou o presente texto é possível observar que é adicionado o valor cultural à natureza que é citada nas produções dos alunos, por exemplo, quando os alunos falam no texto do canto dos pássaros ou que acordam com o canto do galo, ao invés das buzinas dos automóveis. O valor cultural empregado nestas características do campo, citadas pelos alunos, está na ideia do campo ser mais próximo do natural e ser um lugar tranquilo. Podemos entender esse valor cultural como uma simbologia, que o homem associa ao que vê, ouve, toca, cheira, sente; e é essa simbologia que associa e atribui valores às coisas, que faz do ser humano um ser cultural que transmite para as demais pessoas e transforma esse valor cultural a ponto de adaptar-se, ou transformar-se para adaptar-se.

Podemos entender essa questão simbólica das coisas como a linguagem, pois, conforme dito anteriormente, é por meio da linguagem (seja escrita, falada ou simbólica) que o ser humano passa a entender o seu meio e pode transmiti-lo.

É na escola que ficamos boa parte de nossa infância e é lá, assim como em casa com a família, que o mundo nos é apresentado. Desse modo, a escola tem um importante papel na transmissão e transformação da cultura. A escola não deve limitar-se à transmissão cultural, pois segundo Salvador (1976, p. 37): “A educação, se entendida como sistema destinado a transmitir o patrimônio cultural do passado, tende a se tornar anacrônica”. É neste sentido que a escola não deve se limitar apenas a apresentar a origem da cultura atual, mas sim propor o que inevitavelmente acontece, a transformação cultural.

Não estamos, de modo algum, negando a importância da cultura dos antepassados dentro da escola. Podemos designar esta fração da cultura de “tradição”. Salvador (1976) lembra-nos que, se não fosse a tradição científica, não teríamos tido grandes descobertas feitas por gênios da ciência, por exemplo. Salvador destaca que nós devemos à nossa tradição os avanços feitos atualmente. Portanto, a tradição não perde seu caráter de importância de ser transmitida (ensinada) dentro do ambiente escolar.

As gerações legam à posteridade o patrimônio cultural que lhes é transmitido pelas gerações anteriores. Cada geração passa por um processo de aprendizagem ou de iniciação, no qual assimila a cultura de seu tempo e se torna apta a enriquecer o patrimônio cultural para as gerações futuras. Entram aqui as clássicas funções educacionais de conservação e de renovação da cultura, e todos os problemas de sociologia da educação, como os da influência dos sistemas educacionais sobre os grupos e a reação destes sobre aqueles, e os da influencias dos meios de comunicação social (SALVADOR, 1976, p. 44).

A transmissão da cultura dá-se de um indivíduo a outro e é um processo de transmissão de experiências que os antepassados já vivenciaram. Ou seja, segundo a experiência dos nossos antepassados, sabemos o que é “certo” ou “errado” a ser feito, e as formas de adaptar-se ao meio em que se vive, além de toda a simbologia dos objetos ou fatos do entorno, como por exemplo, a ideia que os alunos tem do campo como “lar”, ideia que transmite a eles várias características de um lar para o campo, ou seja, o lugar tranquilo, lugar seguro, lugar harmônico, entre outras características apontadas nas coletas de dados feitas para a presente pesquisa.

A cultura no seu processo de transformação constante tende a sincretizar-se com outras culturas. Lembrando que não há cultura superior ou cultura inferior, apenas culturas diferentes.

As culturas são séries contínuas. A inclusão de um item particular deve ser determinada em relação à continuidade sócio-cultural e não em relação a uma cultura como existente num determinado ponto do tempo. [...] As culturas mudam e crescem. Sofrem modificações profundas (SALVADOR, 1976, p. 60).

A tendência é caminhar em direção à semelhança cultural. Independente do meio em que vive, o ser humano tende a ficar mais parecido culturalmente, pela união das culturas distintas formando novas culturas. E é essa transformação cultural que vemos presente no Núcleo do Campo Leoniza Carvalho Agostini, de Curitiba.

Quanto à educação do campo, temos que lembrar que o intuito é uma educação feita pelo campo para o campo, do local ao universal. Segundo Salvador (1976, p. 185), “as matérias disciplinares, organizadas em planos de estudo, nada mais são do que bens da cultura transformados em bens de formação”, ou seja, é dentro do currículo das matérias que deve estar inserido o contexto cultural envolvendo o aluno. E a função da escola é fazer com que os bens culturais passem a ser bens educativos. “Em verdade, a educação sintetiza e sistematiza a cultura para transmiti-la. A cultura não pode manter-se sem a educação que a transmita, e na medida em que houver indivíduos que a apreendam e a vivam intensamente.” (SALVADOR, 1976, p. 186).

Sendo assim, a educação passa a ter importante papel no processo de transmissão da cultura para que ela seja reproduzida e renovada. A transmissão da cultura é a garantia de sua continuidade e a renovação da cultura pela escola é um processo de aperfeiçoamento ao novo, vivificação e criação cultural. Stuart Hall vê tal processo de transformação cultural como “a rápida destruição de estilos específicos de vida e sua transformação em algo novo” (2006, p. 232), tal transformação da cultura tem um caráter de marginalizar a cultura local de específica região ou povo. Stuart Hall fala isto sobre as transformações culturais que descartam as tradições e não sobre aquela transformação cultural que se dá quando a cultura local (tradicional), simplesmente, cai em desuso no processo de modernização. Como Roque de Barros Laraia cita em *Cultura: Um conceito antropológico*, “o homem é um animal e, como

todos animais, deve manter uma relação adaptativa com o meio circundante para sobreviver”.

E a escola tem função primordial nesse processo de adaptação da/à cultura.

Considerações finais

O Núcleo do Campo Leoniza Carvalho Agostini é uma escola que recebe alunos de diferentes localidades da região, esse fator já tem grande influência na questão cultural deles, assim como o fato de eles se afastarem de suas localidades, vindos de transporte escolar para o Núcleo do Campo. A escola recebe projetos, não vinculados à escola do campo, para o horário extraclasse dos alunos, onde são oferecidos cursos como: dança, karatê, alfabetização e letramento e manutenção da horta. Porém, grande parte dos alunos prefere as outras atividades às atividades ligadas a terra. Tal falta de interesse não se dá apenas por uma urbanização do meio escolar, dá-se também pelo fato de que o campo não precisa ser representado na escola apenas por meio da horta, mas também dentro das demais atividades.

Conclui-se, com esta pesquisa, que a visão estereotipada de campo também está dentro do campo, sendo reproduzida pela escola e seus alunos. E os alunos não se sentem mais representados pelo estereotipo de campo, porém gostam de morar no campo e apreciam coisas próprias do campo. Eles têm uma visão romantizada e, a princípio, não visam sua saída do campo. A escola tem importante papel na visão que os alunos têm sobre o seu meio e sua cultura e um papel primordial na transmissão e transformação cultural para uma adaptação às modernizações inevitáveis.

Referências

BARROS, Manoel. **Memórias inventadas: a segunda infância**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 8. ed. Tradução: Rosisca Darcy Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1983.

GONÇALVES, Maria. Teoria da Ação Comunicativa de Habermas: possibilidades de uma ação educativa de cunho interdisciplinar na escola. In: **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 20, n. 66, abr./1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301999000100007>. Acesso em: 20 ago. 2014.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Cultura Popular e Identidade. Trad. Adelaine La Guardia Resende; Ana Carolina Escosteguy; Cláudia Álvares; Francisco Rüdiger; Sayonara Amaral. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

IBGE. **Curitibanos:** Santa Catarina. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/santacatarina/curitibanos.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

LOGHI, Armindo José. **Ação educativa e agir comunicativo.** Caçador: Unc Caçador, 2008.

MUNARIN, Antonio; BELTRAME, Sônia; CONDE, Soraya; PEIXER, Isabel. **Educação do Campo:** Políticas Públicas, Territorialidades e Práticas Pedagógicas. Florianópolis: Editora Insular, 2011.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **Caminhos da identidade:** ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

SALVADOR, Angelo Domingos. **Cultura e educação brasileiras.** 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1976.

THE WIZARD OF OZ. (O Mágico de Oz). Direção: Victor Fleming. 101 min. EUA: 1938.

VEIGA, José Eli. **Cidades imaginárias.** O Brasil é menos urbano do que se calcula. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.